

INVESTIGAÇÃO E ENSINO EM DESIGN E MÚSICA

Research and Teaching
in Design and Music

Investigación y Enseñanza
en Diseño y Música

DOI: 10.53681/2022.I02/02

ORGANIZATION



RETHINK
Research Group
on Design for the Territory

SPONSORS

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

CASTELO
BRANCO

VILA VELHA
DE MINAS

APEA
Collegium Musicum
Convenção de Música de Seta
Festival DME
Dia de Música Electroacústica

Interreg
Espanha - Portugal

euromed
EUROPEAN
MEDICAL
EDUCATION

SUPPORT

Cumulus
Association

COMMON
GROUND

Capítulo 5

DOI: 10.53681/2022.I02/02/05

MARIE ANTOINETTE VIVÊNCIAS PASSADAS VESTIDAS NO PRESENTE

#MarieAntoinette – Past experiences dressed in the present

RESUMO

No âmbito de finalização da disciplina Projeto de Design de Moda I, do Mestrado de Design de Moda da Universidade da Beira Interior, foi proposta a elaboração de ilustrações para uma arte performativa. O presente artigo propõe-se dissecar, de forma sintetizada, o filme de Sofia Coppola, “Marie Antoinette” (2006), procurando fazer possíveis interligações da história de vida da personagem principal, Antoinette, com a própria humanidade, sendo que, o seu objetivo pioneiro é apresentar propostas de ilustrações de figurinos para uma peça teatral. A vida da última rainha de França é utilizada como pano de fundo no cenário dessa peça, onde se procura comparar acontecimentos vividos pela aristocrata, com momentos da atualidade. De entre eles estão o casamento infantil forçado, o refugiado, o luto, o amante e os vícios. Tais momentos encontram-se associados a personagens distintos.

PALAVRAS-CHAVE

Moda, Teatro, Figurinos, Personagens, Rococó.

ABSTRACT

Abstract. Within the scope of completion of the discipline Fashion Design Project I, of the Masters in Fashion Design at the University of Beira Interior, it was proposed to create illustrations for a performance art. The present article proposes to synthesize Sofia Coppola's film, “Marie Antoinette” (2006), making possible connections between the life story of the main character, Antoinette, with humanity itself, and its pioneering objective is to submit proposals for costume illustrations for a theatrical play. The life of the last queen of France is used as a backdrop in the scenery of this play, which seeks to compare events lived by the aristocrat with current moments. Among them are forced child marriage, the refugee, the mourning, and the lover and vices to which he was a slave. Such moments are associated with different characters.

KEYWORDS

Fashion, Theater, Costumes, Characters, Rococo.

MARIA COSTA¹

Correspondent Author

RAFAELA NOROGRANDO^{1/2}

ORCID: [0000-0001-9813-4944](https://orcid.org/0000-0001-9813-4944)

¹ Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal

² ID+ Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura |

Correspondent Author:

Maria Costa
Universidade da Beira Interior -
Covilhã, Portugal
maria.ines.costa@ubi.pt

1. Introdução

Um dos maiores ícones ou a personificação mais relevante do sistema de moda enquanto fenómeno social de diferenciação de classes, posição de poder ou mesmo de decadência, é incorporado por *Marie Antoinette*, rainha consorte do rei *Luís XVI*.

De facto, *Antoinette* teve uma vida assaz marcante, da qual se destacam diversas vivências e outros tantos obstáculos. No entanto, esta personagem não deixa de ser vista como um símbolo que marca e continuará a marcar para todo o sempre o período histórico conhecido por rococó (século XVIII), constituindo-se como uma fronteira delimitadora no mundo da moda.

São várias as pesquisas que abordam obras de interesse sobre a história de vida de *Marie Antoinette*, acabando por imortalizar a sua vivência e passagem pelo mundo. A cineasta Sofia Coppola foi uma das pessoas que mais se interessou pela última rainha de França, demonstrando-o sobretudo através da realização do filme “*Marie Antoinette*” (2006). Este filme gerou um interesse especial nas autoras do presente artigo, acabando por constituir a principal fonte inspiradora para a sinopse da narrativa que o figurino veio a ilustrar.

Neste artigo, apresentam-se algumas reflexões e o resultado do desenvolvimento do projeto para a exposição de ilustrações de figurinos em contexto teatral.

Pretende-se, assim, interligar o filme de Sofia Coppola com a época que agora decorre, na tentativa de ilustrar figurinos de forma a revelar não só a pessoa que a rainha foi mas também certos aspetos da sua vida, relacionando-os com momentos atuais.

Tendo como ponto de partida estas duas inspirações, foram desenvolvidas personagens distintas através de retratos de momentos que marcam o presente, nomeadamente: a representação do casamento infantil e forçado, os refugiados, o luto, o amante e os vícios. Cada uma destas personagens tem associado dois figurinos que se completam entre si.

A pesquisa faz uso do método bibliográfico, elegendo-o como o método de eleição para a recolha de dados e privilegiando o recurso a fontes secundárias de informação, em particular, teses de mestrado, revistas e congressos. O repto lançado nas aulas de Projeto de Design de Moda I, do Mestrado de Design de Moda da Universidade da Beira Interior, motivou a escolha desta temática, uma vez que a figura de *Marie Antoinette* é um marco no mundo da moda que se enquadra no período de rococó, uma época a todos os títulos fascinante para a autora do presente artigo. Assim, surgiu a oportunidade de proceder à criação de ilustrações de figurinos para o teatro #*MarieAntoinette*, com principal incidência nesse período. Para a sua execução, o trabalho foi segmentado em cinco secções, com exceção da introdutória. A secção que se segue concentra-se na ótica do teatro, enquanto que a terceira retrata o período e o estilo rococó. Na seção seguinte é sucintamente abordada a história de *Antoinette*, retratada no âmbito do referido filme de *Sofia Coppola* (2006). Na quinta secção pretende transformar-se a vida de *Antoinette* numa peça de teatro, subdividindo-a em cinco subsecções conforme revelado atrás: casamento infantil e forçado, refugiados, luto, amante e os vícios. O artigo termina com a imprescindível conclusão.

1.1. O Teatro

A palavra teatro deriva, etimologicamente, do latim *theatrum*, que, por sua vez, deriva do grego *theatron* (*theamai* = ver; *thea* = vista, panorama) (Magaldi, 1965 & Cebulski, 2012), significando também “o lugar de onde se vê” (Vasconcellos, 2009). O autor Magaldi (1965), defende que o conceito de teatro deve ser dividido em duas partes:

- 1) a imóvel, onde se realizam os espetáculos;
- 2) a arte específica, que, por intermédio do ator, é transmitida ao público.

Por sua vez, e no intuito de concluir o conceito da palavra teatro, a autora Cebulski (2012), defende igualmente que a mesma remete para dois significados distintos: “um género de arte ou, também, edifício ou casa, ou seja, o espaço no qual podem ser representados vários tipos de espetáculo”. Porém, é forçoso aclarar que não é correto dizer que o teatro é uma invenção grega (Cebulski, 2012).

Relativamente à história do teatro, a autora Jomaron (1992, 11 *apud* Paranhos, 2007) afirma que não pode ser escriturada do mesmo modo que outras artes, acrescentando ainda que tal estilo de arte sempre teve e continua a ter a capacidade de reunir diversas artes numa só: a poesia e a literatura, a música e a pintura, e a escultura e a arquitetura. Possui também os seus próprios meios de expressividade: dicção, interpretação, dança, mímica, indumentária e iluminação (Jomaron, 1992, 11 *apud* Paranhos, 2007).

Deste modo, a arte do teatro retrata outras artes e aproxima, de maneira singular, o espectador, sendo esta conectividade uma das ponderações que pesou na escolha de uma arte performativa para o desenvolvimento projetual de figurino.

1.2. O Estilo Rococó

O termo Rococó deriva do francês “*rocaille*”, que traduzido à letra para a língua portuguesa tem o significado de “pedras e conchas” (Deud & Sena, 2015). É, geralmente, definido como um estilo de arte e arquitetura num determinado período específico da história da arte (Milam, 1968). Este estilo surgiu nos inícios do século XVIII, em pleno Iluminismo, “movimento filosófico que defendia o pensamento racional, a liberdade e o progresso científico como único caminho para o bem-estar e felicidade do homem” (Nunes, 2014).

O Rococó caracteriza-se por ser um movimento artístico que grassou na Europa e irrompeu em resultado de uma reação por parte da aristocracia francesa contra o Barroco suntuoso. A sua cultura foi responsável por representar o prazer pessoal, sendo um estilo que ficou expresso na arquitetura, na decoração e nas artes em geral, principalmente, na moda. Do olhar atento e escrutinador por parte das mulheres, este estilo visava principalmente a elegância, o requinte e os enfeites, mas possuía também elementos caprichosos e extravagantes (Deud & Sena, 2015). Foi deste modo caracterizado por temas simbólicos e mitológicos, de onde se destaca claramente o amor, sempre retratado de forma glamorosa e sensual. Para além disso, teve ainda como fonte de inspiração a natureza, de que são exemplo as rochas, as flores e as conchas, representando ao mesmo tempo uma linguagem superficial e insignificante por ter por base caprichos, fantasias e pretensas grandiosidades. De salientar ainda que o mesmo foi conduzido para a Europa de uma forma extravagante e exagerada, podendo-se afirmar que nasceu e cresceu nos luxuosos e refinados salões franceses, rodeado de mulheres aristocratas, cultas e elegantes (Garbrecht, 2017; Deud & Sena, 2015).

Esta época coincidiu com o período de vida da rainha *Marie Antoinette*, que adotou o estilo então considerado como o mais proeminente da comunidade (Garbrecht, 2017). Os dois contextos encontram-se assim associados, sendo conjugados no presente artigo.

1.3. História de Antoinette, retratada no filme (2006)

Marie Antoinette, aos olhos da sociedade, ficou conhecida pelo seu notório percurso de vida que foi sendo retratado no mundo da moda como um marco histórico.

A sua passagem foi tão relevante que originou as mais diversas pesquisas e deu lugar a tantas outras obras, com abordagens à sua capacidade coadjuvante no cenário socioeconómico da monarquia francesa, no seu papel na moda, ou mesmo na sua vida pessoal (Coppola, 2006; Stevenson, 2012; Fraser, 2001).

O filme de Sofia Coppola, “*Marie Antoinette*” (2006), faz a abordagem destes três parâmetros, que vieram a revelar-se determinantes e inspiradores para a elaboração deste relatório, e ainda pelo facto de a autora ter sido galardoada com um óscar para o melhor guarda-roupa. (Pereira, 2012).

Este filme tem o seu início com a aparição da personagem principal, *Marie Antoinette*, “delfina” de Áustria, a receber uma mensagem de sua mãe, *Marie Theresa*, informando-a de que iria casar-se com o futuro rei de França, *Louis XVI* (Coppola, 2006). Assim, com apenas catorze anos de idade, é enviada para França no intuito de fortalecer a aliança política entre os dois países, França e Áustria (Deud & Sena, 2015).

No preciso momento em que efetuava a travessia da fronteira entre a Áustria e a França, foi coagida a desapossar-se das suas vestes e desligar-se de todos os vínculos que pudessem ainda, de algum modo, ligá-la a Áustria, o seu país de origem. Tudo o que era representativo da sua identidade até à data, foi-lhe retirado e substituído por elementos franceses (Coppola, 2006). Semelhante ação visava que viesse a sentir-se na obrigação de ser uma francesa de corpo e alma, como era de esperar que acontecesse com todas as rainhas coroadas naquele país (Deud & Sena, 2015).

À chegada à corte de Versalhes, *Antoinette* viu-se envolvida num novo mundo e cercada por pessoas que a observavam a todo e qualquer momento, sendo-lhe apresentadas e exigidas regras rígidas de disciplina e de etiqueta, e a aceitação de costumes tradicionais que passavam pela obrigatoriedade de não poder recorrer a comentários fúteis e muito menos a disputas familiares (Rosales, 2015). Alguns desses costumes mereceram simplesmente da sua parte a caracterização de “ridículos” (Coppola, 2006).

O relacionamento com o *Louis XVI* parecia não estar a resultar, o que levou a própria mãe a enviar-lhe uma carta onde a responsabilizava por ser um fracasso como mulher e não cumprir com o dever de dar um herdeiro ao reino, acrescentando que devia mostrar-se mais submissa e dócil perante o rei e marido. (Rosales, 2015; Coppola, 2006). *Marie Antoinette*, perante tamanhas críticas e insatisfeita com o seu casamento e com a vida em geral, refugiou-se na prática de aquisição de roupas altamente dispendiosas e o recurso a penteados extravagantes, tudo acompanhado de idas à ópera, ao teatro e, muitas vezes também, a salões de jogo (Coppola, 2006).

Finalmente, em 1778, depois de *Louis XVI* ter sido submetido a uma operação devido a um problema que tinha no prepúcio e que foi ocultada ao máximo, nasceu a primeira filha do casal, *Marie Thérèse*, que provocou em *Antoinette* um enorme conforto por já não poder ser considerada uma mulher falhada e não correr o risco de ser deportada do país. E se a mesma já fora recompensada pela vida noturna e pela moda até à data, era agora a vez de se ver premiada pelo excelente papel de mãe dedicada. Com o nascimento de *Marie Thérèse*, *Louis XVI* ofereceu-lhe o *Petit Trianon*, local que se transformou no refúgio ideal para *Marie Antoinette* se afastar de todos os comentários malévolos que lhe eram dirigidos, dos costumes desadequados e da muita austeridade imposta por *Versalhes*. A rainha usufruía então de um local onde podia realizar festas e convidar quem mais lhe aprazia. Numa das inúmeras festas que realizou, conheceu o conde *Fersen*, com o qual voltou a encontrar-se no palácio de *Versalhes* e de cujo encontro resultou um breve caso amoroso. O romance não foi de longa duração, é certo, mas somente devido ao facto de o conde ter obrigações para com o exército (Rosales, 2015). A relação com o “amante” não é intensamente relatada, talvez pelo motivo de ter sido vista como uma desculpa que a que rainha recorreu para justificar a ausência do marido (Coppola, 2006). Apesar de ter sido retratado desta maneira por Coppola (2006), este romance não foi entendido por Fraser (2001) do mesmo modo, afirmando existirem provas a tal respeito, apesar de só terem vindo a ser descobertas um século após a morte da rainha, quando o neto de *Fersen* publicou as cartas do avô e os historiadores puderam então concluir que uma certa “Josefina” era, afinal, a própria *Marie Antoinette*.

Foi num passeio com a filha pelos jardins da corte, que *Antoinette* recebeu a triste notícia da morte de sua amada mãe.

E é apenas no ano de 1781, que o tão aguardado e ambicionado desejo do povo e de todo o reino é finalmente concretizado. A rainha *Marie Antoinette* deu à luz um príncipe herdeiro, de seu nome *Louis Joseph*.

França vivia, à data do reinado de *Marie Antoinette* e *Louis XVI*, um período deveras complicado em termos económico-financeiros, e todos os gastos de *Antoinette* eram vistos como excessivos e faustosos, o que levou o povo a revoltar-se contra a monarquia e teve como consequência a prisão e morte da rainha mal-amada. A cena macabra não é retratada no filme de 2006 de Coppola e o desfecho do filme desta autora, consiste na saída da família real de *Versalhes* a caminho do palácio das *Tulheiras*, a primeira prisão proposta pelos revoltosos.

1.4. A vida de Antoinette transformada numa peça de teatro

Nesta secção são apresentadas, por meio de criações para o figurino de uma peça de teatro elaboradas pela designer de moda Maria Costa, interpretações que vão sendo construídas de forma comparativa com os momentos de maior relevo da história de vida de *Marie Antoinette*, acompanhadas de acontecimentos atuais definidos por uma imagética mais abrangente e sensível às pessoas.

Comparando certos momentos da vida da última rainha de França com a atualidade, procurou retratar-se, como referido, as cinco personificações de vivências humanas:

- O casamento infantil e forçado;
- Refugiados;
- Luto;
- Amante;
- Vícios.

O casamento infantil e forçado

Marie Antoinette, com apenas 14 anos de idade, viu-se na contingência de enfrentar um casamento concertado pela sua mãe, a imperatriz *Marie Theresa*, de modo a fortalecer os vínculos entre a Áustria e a França. *Antoinette*, à data ainda uma criança, casou-se com o futuro rei de França, *Louis XVI*, ato que, nos dias de hoje, seria considerado não apenas um casamento infantil, mas também um casamento forçado.

Seguidamente, passa a explicar-se cada um destes conceitos.

O casamento infantil, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), “é a união entre duas pessoas em que, pelo menos uma delas, tem idade inferior a 18 anos” (ONU, 2020). Tendo por base a publicação de 13 de fevereiro de 2019 da *United Nations International Children’s Emergency Fund* (UNICEF), verifica-se que existem mais de 650 milhões de meninas e/ou mulheres que casaram antes de completarem 18 anos de idade (UNICEF, 2019). E, ainda que este tipo de situações seja mais recorrente nos países onde o salário é mais baixo, tal paradoxo verifica-se um pouco por todo o mundo (ONU, 2020).

O ato considerado como casamento infantil, impõe às crianças responsabilidades próprias da vida adulta que não se encontram preparadas para enfrentar. É comum associá-lo a meninas/mulheres, mas é certo que no caso dos meninos/homens também sucede exatamente o mesmo. Segundo a ONU, de um total de 83 países com baixo ou médio salário, 1 em cada 25 meninos, ou percentualmente cerca de 3,8%, casou-se antes de completar 18 anos (ONU, 2020).

Uma consequência que se encontra diretamente associada a este tipo de casamentos é a gravidez prematura, que foi o que se passou de certo modo com *Marie Antoinette*. Deste modo é importante salientar que, se a gravidez ocorre durante uma idade inferior a 18 anos, o corpo das meninas/mulheres não se encontra ainda preparado para a concepção, resultando daí o aumento do risco de complicações com a saúde.

Outro facto fortemente incorporado em tais práticas e que se encontra relacionado com o casamento infantil, é o casamento forçado, que, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), “é a união entre duas pessoas em que pelo menos uma delas não deu o seu livre e pleno consentimento para essa união” (ONU, 2020).

Tanto o casamento infantil como o forçado são uma violação dos Direitos Humanos, uma vez que vão contra os direitos básicos de autonomia e liberdade. De frisar que, à data do casamento de *Marie Antoinette* com *Louis XVI*, apesar do mesmo se enquadrar nos dias de hoje no tipo de casamento infantil e forçado, naquela época esse acontecimento era entendido como um ato perfeitamente normal. Assim, sem qualquer possibilidade de escolha, *Antoinette* passou muito rapidamente de mera menina que era, para a mulher que teve de se assumir mesmo sem porventura o desejar.

A designer, com base na informação recolhida, teve inicialmente como fonte de inspiração

a pureza, o espírito livre e a alegria de criança, criando a ilustração que se segue (Fig. 1). A mesma teve ainda a oportunidade de criar uma outra ilustração, igualmente apresentada abaixo, em que foi tido em linha de conta o sufoco a que uma criança se vê obrigada a sujeitar-se ao contrair matrimónio, quando o seu desejo é, afinal, completar o crescimento em curso e próprio da idade que então tem. Não é mais, afinal de contas, do que a passagem do estado de menina para a fase adulta de mulher.



Fig. 1.
Ilustração do 1º e 2º figurino
(Casamento infantil e forçado) pela
designer de moda Maria Costa.

Refugiados

“Refugiados”, segundo a Agência da ONU para os refugiados (ACNUR), “são pessoas que escaparam de conflitos armados ou perseguições. Com frequência, a sua situação é tão perigosa e intolerável que devem cruzar fronteiras internacionais para procurar segurança nos países mais próximos” (ACNUR, 2020).

A ACNUR afirma também que existem cerca de 26 milhões de refugiados no mundo, ainda que, “de acordo com o direito internacional, qualquer pessoa com fundado temor de ser perseguida com base na sua raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação num determinado grupo social, deve ser protegida como refugiada” (ACNUR, 2020).

Segundo a Convenção de Genebra de 1951, e em aplicação da Constituição da Organização Internacional dos Refugiados, o termo é atribuído a uma pessoa que “[...] receando com razão ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontre fora do país de que tem a nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio, não queira pedir a proteção daquele país; ou que, se não tiver nacionalidade e estiver fora do país no qual tinha a residência habitual após aqueles acontecimentos, não possa ou, em virtude do dito receio, a ele não queira voltar.” (Bolas, 2012, 10; CICV, 1951).

Usando este termo de forma comparativa com a vida de *Antoinette*, é dado observar que a mesma pode relacionar-se com as vivências que um refugiado enfrenta, visto ter sido

também obrigada a sair do seu país para se casar com *Louis XVI*. Obviamente que este termo de comparação é aqui levado ao nível de algum exagero, sendo que *Marie Antoinette* foi, efetivamente, forçada a abandonar o seu país de origem, mas não para escapar a uma situação considerada perigosa.

O facto de os refugiados se verem obrigados a abandonar o lar, pode estar de alguma forma associado à existência de um mundo novo ao qual têm forçosamente de se adaptar; isto é, um mundo em que tudo para eles é diferente, começando desde logo pelos hábitos e costumes. E muitas vezes, por serem diferentes do usualmente classificado como “normal” no país para o qual se dirigem, poderão não ser ali bem recebidos. *Antoinette* deparou-se com alguns destes entraves, envolvendo-se com os novos costumes impostos por *Versalhes*, com os quais nunca chegou a familiarizar-se completamente.

A designer Maria da Costa, de acordo com o propalado conceito de refugiados, criou duas ilustrações. A primeira que se segue, teve como fonte inspiradora o momento em que alguém abandona o seu país e a sua casa para se dirigir para um lugar desconhecido e totalmente diferente do seu, sentindo-se por isso desprotegido, receoso, inseguro e amedrontado.

A segunda ilustração representa a adaptação dos refugiados após a chegada a um novo país, onde procuram levar a cabo a reconstrução dos seus lares e da sua vida em geral.



Luto

Marie Antoinette, como acontece com todos os seres humanos, vivenciou algumas perdas ao longo da vida. O filme de Coppola (2006), retrata *Antoinette* a receber a mensagem em que lhe é participada a morte da mãe. Assim, para além da perda que teve de aceitar, foi também obrigada a ter de aprender a lidar com o luto.

O luto pode ter várias perspetivas, sendo que, a que melhor se enquadra neste contexto é a perspetiva psicanalítica de Sigmund Freud e Melanie Klein, onde é feita a respectiva descrição como tratando-se de “a perda de um elo significativo entre uma pessoa e seu

Fig. 2.
Ilustração do 1º e 2º figurino
(Refugiados) pela designer de
moda Maria Costa.

objeto, portanto, um fenómeno mental natural e constante do processo de desenvolvimento humano” (Cavalcanti, Samczuk & Bonfim, 2013).

Freud (1915), para explicar este conceito, associa-o a uma perda não somente como um elo significativo que, apesar de ter carácter patológico, não é considerado uma doença. Defende ainda que nada existe de inconsciente no luto, ou seja, a pessoa que se encontra a vivenciar o luto tem a perfeita noção da sua perda. Todo o processo relativo ao luto é um processo que se caracteriza especialmente pela sua lentidão, por ser muito doloroso, trazer geralmente associada uma imensa carga de tristeza, provocar a perda de interesse e a desmotivação pelas coisas mundanas e a sua não substituição por meio da adoção de um novo objeto de amor (Freud, 1915).

De um modo geral, todas as pessoas que passam pela perda amargurada de uma pessoa querida ou familiar, passam pelo citado processo de luto, mas só algumas o conseguem ultrapassar de uma forma aceitável. Sob o ponto de vista das autoras deste artigo, é certo poder afirmar-se que *Marie Antoinette* vivenciou o processo de luto. Todavia, somente a própria terá tido consciência de até que ponto conseguiu ultrapassar e aceitar tal processo. Durante o momento do luto, a designer inspira-se sobretudo no sentimento de privação, no vazio que representa perder alguém considerado próximo. É por isso que a ilustração seguinte é representada por um degradê de branco para preto, com passagem no tom vermelho. Estas tonalidades constituem significados distintos, e enquanto a cor branca representa a proximidade de toda a gente querida em redor, a vermelha é considerada como a mancha de sangue e, por fim, o tom preto é tido como representativo da perda.

Uma outra ilustração foi concebida com base no papel do “luto”, sendo representada por um conjunto de peças inacabadas em que se procura transmitir o sentimento de vazio e a falta de algo. Apesar de nesta ilustração a personagem já ter aceitado a morte e ultrapassado o período de luto, não consegue, no entanto, sentir-se completa.



Fig. 3.

Ilustração do 1º e 2º figurino
(Luto) pela designer de moda
Maria Costa.

Amante

A palavra amante pode ser interpretada de várias formas. A que melhor se enquadra no momento em que *Marie Antoinette* se envolveu com outro homem, o conde *Fersen*, sendo que a mesma já era casada à data, o termo amante é definido pela “pessoa que mantém uma relação amorosa ou sexual estável ou regular com uma pessoa casada.” (Priberam, 2020). A designer, a partir da palavra “amante”, obteve diversos motivos de inspiração que se traduzem no retrato de dois figurinos. O primeiro deles, que consta abaixo da figura 4, representa a paixão, sedução, desejo e sensualidade.

A outra fonte de inspiração é ilustrada na imagem do lado direito, que leva a pensar no lado negro que o facto de se possuir um amante, em termos morais, pode representar para algumas pessoas, uma vez que existem situações que parecem deixar a personagem encurralada por se ver obrigada a viver o prazer decorrente da relação sempre às escondidas e com receio de ser descoberta, aliando ainda o fardo de ter de se preocupar em dissimular todo o romance. A personagem carrega, assim, um peso desmesurado às suas costas.



Vícios

Os vícios são definidos no dicionário Priberam (2020), como uma “falha ou defeito oculto (...)” ou, ainda, como a “prática frequente de acto considerado pecaminoso”.

Ao que se sabe, *Antoinette* viveu uma vida repleta de vícios, desde logo com a prática de jogos, idas à ópera e ao teatro, compra de roupas caríssimas e a prática de penteados extravagantes, passando por saídas dissimuladas, de entre outros mais. Tais vícios tenderam a acalmar aquando do nascimento dos filhos, em que a mesma passou a usar vestuário mais simples porventura por sentir necessidade de dar primazia aos filhos em detrimento dos usuais vícios “fúteis”. Todos os seus atos viciantes se encontravam interligados aos diferentes luxos a que frequentemente recorria, prática essa que esteve na origem da revolta do povo francês que, à data, passava por enormes dificuldades e privações. Desse modo, o povo não teve alternativa senão revoltar-se contra a rainha e toda a realeza em geral, o que a conduziu à prisão e, consequentemente, à morte.

É de algum modo importante salientar, que é normal os seres humanos terem vícios, levando os mesmos, sob determinados aspetos, a fazerem bem e a ajudar até a descontrair e a elevar a autoestima. É, todavia, necessário, como tudo na vida, que os mesmos sejam analisados e ponderados convenientemente e, de preferência, acompanhados do que o rifão popular reza e em que é dito que “nem sempre, nem nunca”. Os vícios podem então revestir-se de variadas facetas, mas tudo o que constitui as diferentes etapas da vida pode ser transformado, de um momento para o outro, em algo que se torna um vício.

Fig. 4.
Ilustração do 1º e 2º figurino
(Amante) pela designer de moda
Maria Costa.

Um dos aspetos que pode ser entendido como o resultado da análise da imagem do vício, levou a designer a caracterizar, especificamente, o primeiro figurino associado a poder, dinheiro, riqueza e aos excessos e à dependência que deles resultam.

De modo a finalizar os figurinos para a peça de teatro, e tendo por base a última personagem referente aos “vícios”, é refletida no figurino a desilusão que a família e os entes próximos sentirão quando se apercebem da iminência de alguém querido estar a ficar dependente de vícios, independentemente de ser o vício do jogo, da bebida, ou até do amor, que é um sentimento relativamente ao qual há quase sempre a tendência de pensar que é inviável causar dependência.

Tudo quanto é em demasia, é também pernicioso e tende a afetar o ser humano. Deste modo, a segunda ilustração dos “vícios” é representada por buracos que revelam a perda, o desespero e a desilusão dos familiares e amigos quando lhes é dado observarem alguém combalido e a perder-se num qualquer vício.

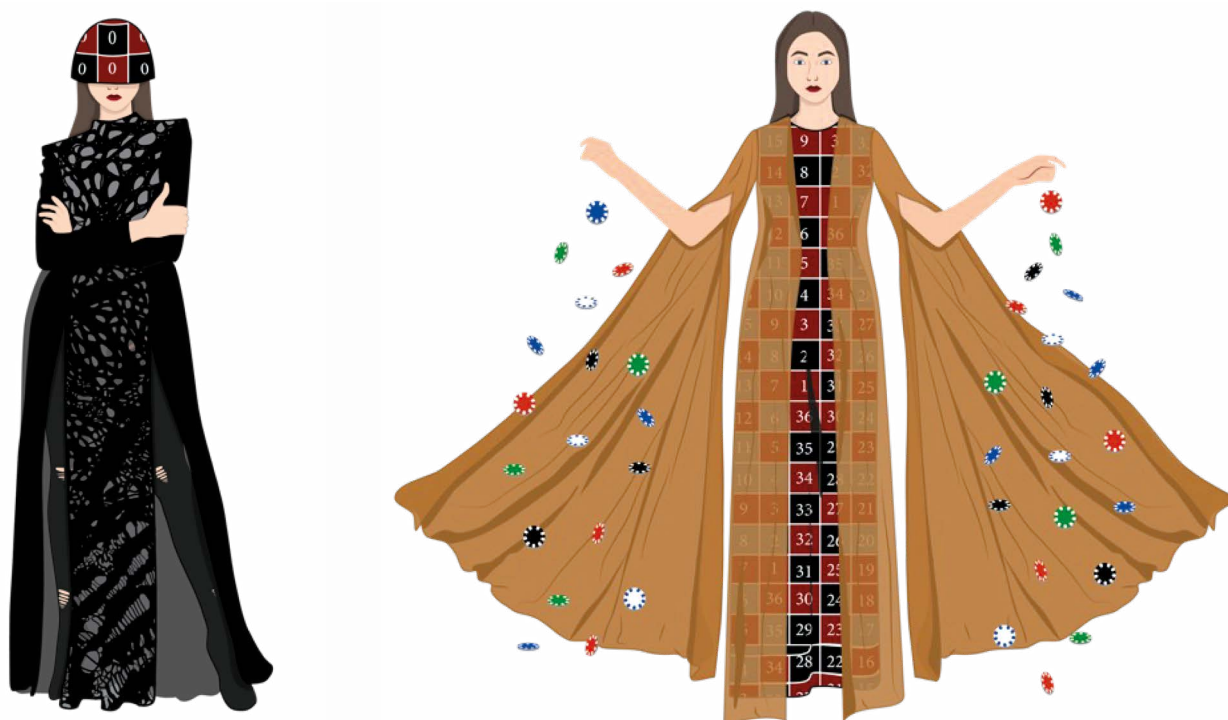


Fig. 5.
Ilustração do 1º e 2º figurino
(Vícios) pela designer de moda
Maria Costa.

2. Conclusão

O presente trabalho teve em linha de conta a investigação do estilo Rococó e, sobretudo, a vida de *Marie Antoinette* a partir do filme de Sofia Coppola (2006), adaptando-os para situações do quotidiano e que estarão ainda mais ou menos presentes na sociedade. A partir da informação recolhida, tanto relativa ao período histórico como ao filme em si mesmo, é apresentada uma proposta para uma peça de teatro em que, por sua vez, as personagens serão adornadas dos respetivos figurinos.

Através do estudo e análise da sociedade da época, consegue criar-se uma ideia aproximada do que se procura transmitir neste trabalho e o que terá de facto ocorrido. Tal ideia está presente nas personagens desenvolvidas, nomeadamente, no casamento infantil e forçado, nos refugiados, no luto, no amante e nos vícios.

Todas estas temáticas são atuais e bastante marcantes no mundo de hoje. A partir dos figurinos e dos elementos que compõem cada um deles, a designer das ilustrações pretendeu transmitir mensagens de forma clara, exprimindo-se por meio da utilização de cores, texturas, formas e volumes. Todos estes elementos, cada um à sua maneira, ajudam a transmitir e a representar a essência dos diferentes momentos e das entidades a que se encontram associados.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04057/2020.

Referências Bibliográficas

ACNUR, <https://www.acnur.org/portugues/2020/06/29/o-que-significa-ser-um-refugiado-lgbtqi/>

Bolas, M. (2012). Crianças e Jovens Refugiados em Portugal Percursos e Integração. FCSH

Cavalcanti, A., Samczuk, M., Bonfim, T. (2013). O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. *Psicólogo Informação* 17(17), 87–105. <https://doi.org/10.15603/2176-0969/pi.v17n17>

Cebulski, M. (2019). Introdução à história do teatro no ocidente dos gregos aos nossos dias. Edições Unicentro.

CICV, <https://www.icrc.org/pt/guerra-e-o-direito/tratados-e-direitoconsuetudinario/convencoes-de-genebra>

Coppola, S. (2006). *Marie Antoinette*.

Deud, P., Sena, V. (2015). Análise semiótica: cenas do filme Maria Antonieta. 8.Ed. *Paraná: 2 Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design de Moda*.

Fraser, A. (2001). *Maria Antonieta: a viagem*. Edições Oceanos.

Freud, S. (1996). A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). Edições IMAGO

Garbrecht, M. (2017). O rococó na contemporaneidade a partir do filme *Maria Antonieta* de Sofia Coppola. UPF

Madaldi, S. (1965). Iniciação ao teatro. *IEB*. (5), 137-138. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i5p137-138>.

Milan, J. (1968). *Historical Dictionary of Rococo Art*. Scarecrow Pres.

Nunes, P. (2014). *História da Cultura e das Artes 11*. Edições Raiz.

ONU. (2020). <https://news.un.org/pt/story/2020/02/1703871>

Paranhos, K. (2017). História & teatro, teatro & história: uma relação tão delicada. 26(2), 187-205. <http://dx.doi.org/10.17851/2358-9787.26.2.187-205>

Pereira, P. (2012). O Cinema enquanto recurso educativo na aprendizagem de história e geografia: Uma exploração com alunos do 8º ano de História e a alunos de 11º ano de Geografia. UM

Priberam Dicionário. (2020). *Amante*. <https://dicionario.priberam.org/amante>

Priberam Dicionário. (2020). *Vício*. <https://dicionario.priberam.org/v%C3%ADcio>

Rosales, F. (2015). *Maria Antonieta e o cinema – uma abordagem feminista*. UC

Stevenson, N. (2012). *Cronologia da Moda: de Maria Antonieta a Alexander McQueen*. Edições Zahar.

UNICEF. (2019). *Casamento Infantil*. <https://www.unicef.pt/actualidade/noticias/factos-casamento-infantil/>

Vasconcelos, L. (2009). *Dicionário de teatro*. Edições L & PM Pocket.

Reference for this chapter:

Costa, M. & Norogrande, R. (2022). Marie Antoinette Vivências passadas vestidas no presente. Em Raposo D., Neves J., Silva R., Castilho, L.C. & Dias R.. *Investigação e Ensino em Design e Música Vol. III (42-55). Coleção Convergências Research Books*. Edições IPCB. <http://doi.org/10.53681/2022.I02/02/05>